

FRANKLIN MARTINS



O teto de Lula e o chão de Ciro

Os números das últimas pesquisas sobre as preferências dos brasileiros para a corrida presidencial de 2002 devem ser encarados apenas como um termômetro dos atuais humores da sociedade – e não como tendências eleitorais para a sucessão de Fernando Henrique. Ainda temos três anos pela frente, sendo impossível prever, hoje, em que ambiente político a disputa será travada.

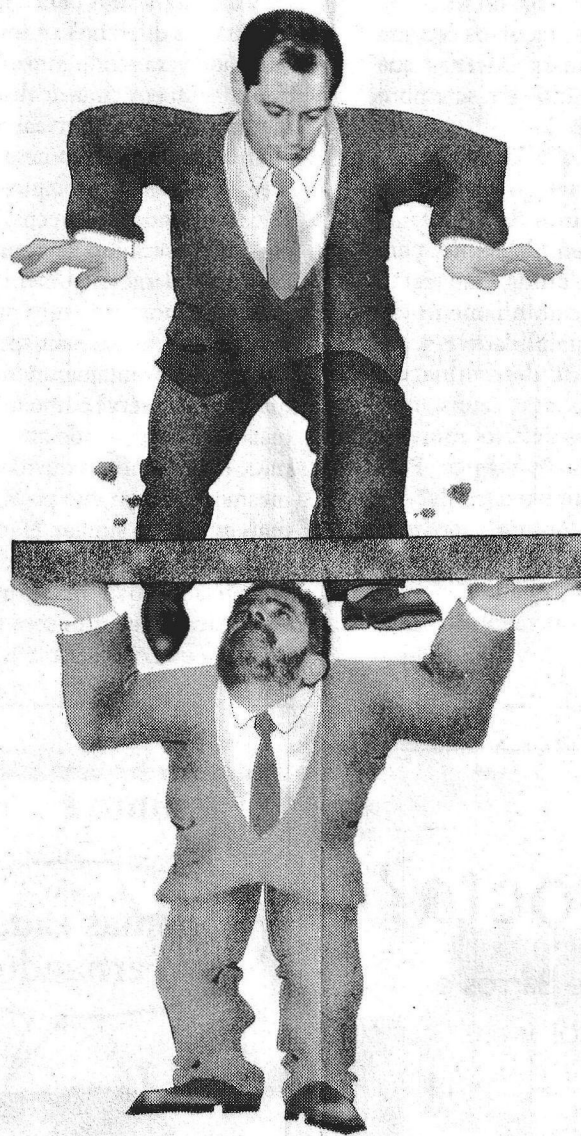
Não há, ainda, como responder a perguntas cruciais. Conseguirá, por exemplo, o Presidente elevar-se acima dos medíocres patamares de popularidade em que se encontra agora, a ponto de influir significativamente no processo de escolha do seu sucessor, ou seguirá emparedado pela forte reprovação das ruas, transformando-se numa carta fora do baralho em 2002? As forças agrupadas em torno de FH lograrão produzir uma candidatura ou mais candidaturas eleitoralmente viáveis, ou se fracionarão, anulando-se reciprocamente? Lula tentará ou não, pela quarta vez, chegar ao Palácio do Planalto? Qual será o fôlego de Ciro Gomes depois de permanecer três anos ao relento, tomando chuva e sereno? Só o tempo trará respostas para essas perguntas.

O que se pode dizer, hoje, é que os eleitores, profundamente insatisfeitos com a atual situação, estão dispostos a votar em candidatos de oposição, sequer tomando conhecimento dos nomes mais fortes da

coligação governista. Tomemos os números da última pesquisa do Vox Populi, encomendada pela Confederação Nacional dos Transportes, divulgada anteontem. Lula e Ciro aparecem empatados em primeiro, com 25% das intenções de voto, seguidos de Itamar Franco, com 10%, ACM, com 7%, e Mário Covas, com 5%. Ou seja, os três opositoristas, somados, totalizam 60% das preferências, cinco vezes mais do que os 12% atribuídos aos dois governistas. Os números do Vox Populi podem não ser exatamente iguais aos de outros institutos, mas todos eles apontam na mesma direção: o eleitor está contra o governo, com suas esperanças voltadas para a oposição. É isso que importa.

Lula é o preferido de um em cada quatro eleitores. Não há surpresa alguma nesse índice. Ele apenas confirma a fortíssima densidade eleitoral do presidente de honra do PT, que, em condições normais de pressão e temperatura, sempre conquista em torno de 30% dos votos. Como todos sabem, o problema de Lula não é falta de chão eleitoral para decolar. Suas dificuldades costumam aparecer mais tarde,

em pleno voo. Não consegue conquistar o eleitorado do centro e, graças a ele, ganhar altura para superar a barreira da metade mais um dos eleitores.



Não se sabe com certeza se Lula será candidato ou não. Ele diz que prefere não ser, mas esquivava-se de dar uma resposta conclusiva sobre o assunto, alegando que as circuns-

tâncias podem colocar a necessidade de que vá à luta mais uma vez. Com essa atitude, por mais que, da boca para fora, estimule o surgimento de outros candidatos no PT e partidos aliados, na prática, Lula paralisa o surgimento de nomes alternativos. Quem, na esquerda, tem cacife eleitoral para peitá-lo? Quem cometeria a heresia de tentar destroná-lo? Ninguém. Se Lula não deixar claro, ele próprio, desde já, que não será candidato em hipótese alguma, o PT e as esquerdas não construirão outras candidaturas. O mito de Lula as arrastará, mais uma vez, para a candidatura de Lula, queiram elas ou não, queira Lula ou não.

A novidade, no momento, é o fato de Ciro Gomes alcançar a mesma percentagem de intenções de voto de Lula. Como o ex-governador do Ceará obteve apenas 11% dos votos nas eleições presidenciais de 1998, pode-se dizer que ele mais do que dobrou seu cacife eleitoral em um ano. Sem dúvida, vem sendo o princi-

pal beneficiário do brutal desgaste político de Fernando Henrique, ainda que parte dos eleitores desencantados com o presidente também tenha migrado para Itamar. Lula, em termos estritamente eleitorais, não ganhou nem perdeu com a capotagem de FH.

Se Ciro foi quem mais lucrou com a vaporização política do Presidente, é quem mais pode ser sangrado com uma eventual recuperação do Governo. Sua força e sua fraqueza vêm da mesma fonte: a avaliação que o eleitor de centro e de centro-esquerda faz da atuação de Fernando Henrique. Como, no momento, FH está muito mal, Ciro subiu como uma flecha. Mas, se, amanhã, o Presidente vier a reconquistar parte de seu prestígio anterior, o candidato do PPS descenderá na preferência dos eleitores. Ciro está numa ponta da gangorra. Fernando Henrique na outra. A tábua é a mesma: o eleitorado moderado, levemente progressista.

Assim, os dois mais fortes candidatos opositoristas não contam com posições consolidadas. Lula, porque tem um teto de ferro a pesar-lhe sobre a cabeça. Ciro, porque tem um chão movediço a sustentar-lhe os passos. Certo, Fernando Henrique está muito mal e, nos arraiais governistas, não há um nome que se imponha naturalmente aos demais. Todos estão mal das pernas.

E daí? O jogo está apenas começando. Até 2002, muita água ainda vai passar por baixo da ponte.